

Interpelar a literatura e viver a história: experiências de aprender e ensinar história com O conto da Aia de Margaret Atwood

Questioning Literature and Living History: Experiences of Learning and Teaching History with Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*

Alessa Nara Fortunato Pena

Universidade Federal de Uberlândia
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1495-3070>

Gilberto Cezar de Noronha

Universidade Federal de Uberlândia
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9985-2697>

Resumo: Este artigo tem por finalidade tecer uma reflexão crítica sobre o uso da Literatura como aporte no Ensino de História desde a discussão dos resultados do projeto de extensão intitulado "Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história". Atentando-se para as condições de produção, circulação, recepção e atribuição de sentido da obra literária, o projeto intencionou incentivar a leitura crítica de obras literárias a partir da análise histórica do "O conto da Aia" de Margaret Atwood (1985) com o objetivo de levar estudantes da educação básica a pensar História com Literatura. Pretende-se, portanto, explorar as possibilidades da utilização da literatura nas aulas de História como um aporte para a compreensão crítica dos processos históricos e da abordagem de temas latentes e sensíveis do mundo contemporâneo. A fim de ilustrar a produção e execução de metodologias investigativas que permitem interpretar o vivido a partir de um romance ficcional, evocamos a importância da tríade pesquisa, ensino e extensão que sustentou o projeto. Defendemos que a ficção especulativa de Atwood pode ser associada a temáticas de interesse social e histórico, que estão diretamente ligadas a habilidades e competências exigidas pela BNCC no campo das ciências humanas e sociais aplicadas que abrange a área de História no Novo Ensino Médio.

Palavras-chave: Ensino de História e Literatura; Literacia Histórica; Temas Sensíveis; O Conto da Aia; Ensino de História

Abstract: This article aims to weave a critical reflection on the use of Literature as a contribution to the Teaching of History from the discussion of the results of the extension project entitled "Between pages and memories: The Handmaid's Tale as a possibility for teaching and learning in history". Paying attention to the conditions of production, circulation, reception and attribution of meaning to literary work, the project intended to encourage the critical reading of literary works from the historical analysis of "The Handmaid's Tale" by Margaret

Atwood (1985) with the aim of leading students of basic education to think about History with Literature. It is intended, therefore, to explore the possibilities of using literature in History classes as a contribution to the critical understanding of historical processes and the approach of latent and sensitive themes of the contemporary world. In order to illustrate the production and execution of investigative methodologies that allow the interpretation of what is experienced from a fictional novel, we evoke the importance of the triad of research, teaching and extension that sustained the project. We argue that Atwood's speculative fiction can be associated with themes of social and historical interest, which are directly linked to skills and competencies required by the BNCC in the field of applied humanities and social sciences, which covers the area of History in the New High School. **Keywords:** Teaching History and Literature; Historical Literacy; Sensitive Topics; The Handmaid's Tale; Teaching History.

Introdução

A literatura exerce uma função crucial na formação e compreensão do mundo, uma vez que o leitor interpreta os conflitos dos personagens com base em seus princípios socio-culturais, ela se torna uma ligação frequente com as experiências históricas dos sujeitos, proporcionando reflexões críticas sobre a verossimilhança. Este é o pressuposto que orienta este artigo ao se propor a discutir a relação da Literatura no Ensino de História como um aporte favorável para aguçar o senso crítico atingindo quiçá uma literacia histórica, por meio dos resultados do projeto de extensão intitulado "Entre páginas e memória: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história"¹. O qual intencionou incentivar a leitura crítica de obras literárias a partir da análise histórica do "O Conto da Aia" de Margaret Atwood (1985)² com o propósito de levar estudantes da educação básica a pensar História com Literatura.

Atentando-se para as questões teórico-metodológicas defendemos a importância e a possibilidade de interpelar dialogar e atrelar a literatura nas aulas de História como estratégia de um aporte para a compreensão crítica dos processos históricos, além de ser uma ótima ferramenta para trabalhar com temas latentes e sensíveis do tempo presente. Afinal, a literatura contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico ao correlacionar a interpretação dos leitores aos elementos naturais, os sentimentos e as normas do mundo do autor e

¹ Projeto este vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História Política (NEPHISPO), registrado na pró-reitoria de extensão PROEX sob o número 29799.

² ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco. 2017.

do leitor representado na narrativa e na sua recepção, trazendo a viabilidade da identificação com a fantasia, atribuindo uma função social para a obra ensejando-nos questionar as interseções entre o real (vivido) e o factível (imaginado).

Abordamos especificamente os usos metodológicos da Literatura, em específico da literatura distópica, como aporte para o desenvolvimento de um pensamento histórico crítico por parte dos estudantes do Ensino Médio da rede de educação básica pública, a fim de ilustrar a produção e execução de metodologias investigativas que permitem interpretar o tempo presente a partir de um romance ficcional. As questões que mobilizaram a construção do projeto visavam responder como a literatura pode contribuir para a ampliação da literacia histórica dos estudantes do Ensino Médio. Em que termos, os alunos conseguem relacionar a história política com a realidade distópica apresentada. A proposta nos possibilitou identificar o sentido atribuído à obra pelos estudantes ao compartilharem suas leituras e interpretações particulares e em grupo, nos permitindo incentivar o uso da literatura nas aulas de História e estimular o pensamento crítico e a formação da consciência histórica por meio da leitura.

A proposta foi fiel à tríade pesquisa, ensino e extensão que operou a base de toda a exposição que será discorrida. É de suma relevância que os currículos das licenciaturas contemplem esses três pilares para uma formação plena. Sem desconhecer a afinidade pessoal com a literatura, o projeto de extensão foi desdobramento de um projeto de pesquisa desenvolvido como iniciação científica em que analisamos a relação entre a História e a Literatura de forma mais teórica³ que, correlacionada aos anseios e angústias das experiências de estágios supervisionados nos períodos pandêmicos e pós-pandêmicos, culminou na elaboração do projeto de extensão que visou extrapolar a vivência acadêmica de forma que compartilhasse a experiência em diálogo com a comunidade escolar na construção de saber.

Nesse ínterim, partindo da premissa que a literatura é ficcional, uma escrita intencional, que busca provocar a sensibilidade dos afetos, além de permitir estabelecer alegorias com a sociedade, defendemos que a ficção especulativa de Atwood pode ser associada a (embora,

³ Projeto este vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História Política (NEPHISPO), intitulado "Brasil pós-golpe de 2016: uma aventura distópica?". Edital N° 7/2022 PIBIC-FAPEMIG.

evidentemente não tomada como espelho de) temáticas de interesse social e histórico, que estão diretamente ligada a competências e habilidades exigidas pela BNCC no campo das ciências humanas e sociais aplicadas que abrange a área de História no Novo Ensino Médio. No projeto, os alunos foram estimulados a identificar continuidades, rupturas e a estabelecer conexões entre as diferentes temporalidades históricas, proporcionando uma visão mais abrangente do passado, presente e futuro, contribuindo para o desenvolvimento da Competência 1 da BNCC que propõe o desenvolvimento da capacidade de compreender os processos históricos, englobando a análise de transformações socioculturais ao longo do tempo. Do mesmo modo, a evocação da obra literária como fonte histórica contribuiu para o desenvolvimento da Competência 2 que destaca a habilidade de utilizar fontes históricas de maneira crítica. Isso implica a capacidade de analisar diversos tipos de documentos, narrativas e vestígios do passado, promovendo a interpretação contextualizada dessas fontes para a construção de conhecimento histórico sólido e embasado. No que tange à Competência 5, o enfoque recai sobre a compreensão das intrincadas relações entre sociedade, cultura e ambiente ao longo das diferentes eras históricas. Os estudantes são desafiados a perceber como as dinâmicas sociais moldam e são moldadas pelo meio ambiente e pela cultura, promovendo uma abordagem mais abrangente dos processos históricos.

Por fim, a Competência 6 propõe a formação de cidadãos éticos e engajados. Isso inclui o respeito à diversidade cultural, a compreensão dos direitos humanos, a análise de questões éticas e a participação ativa na sociedade. Os estudantes são instigados a aplicar os conhecimentos históricos na reflexão sobre dilemas contemporâneos, contribuindo para a construção de uma postura ética e cidadã. Dessa forma, essas competências não apenas consolidam o conhecimento histórico, mas também desenvolvem habilidades analíticas, reflexivas e críticas nos estudantes, preparando-os para compreender e atuar de maneira consciente na complexidade da sociedade contemporânea. No que diz respeito às habilidades, diversas são as metas traçadas pela BNCC. Habilidades como EM13CHS101 e EM13CHS103 estimulam a análise de documentos e a compreensão de diferentes perspectivas históricas.

As habilidades EM13CHS106, EM13CHS202 e EM13CHS204 direcionam o estudante a investigar e compreender os processos históricos, contextualizando eventos e suas influências. As habilidades EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS504 visam a análise crítica de problemas contemporâneos à luz do conhecimento histórico. Além disso, as habilidades EM13CHS602, EM13CHS604 e EM13CHS605 ressaltam a importância do pensamento crítico e da capacidade de argumentação embasada em evidências históricas.

Assim, a BNCC define um conjunto articulado de competências e habilidades que buscam não apenas a aquisição de conhecimentos históricos, mas também o desenvolvimento de capacidades analíticas, reflexivas e críticas, preparando os estudantes para compreender e participar ativamente na sociedade contemporânea, que pode ser abordada de forma interdisciplinar, com a literatura. A literatura possibilita que os educandos compreendam aspectos de determinados momentos históricos, tendo como base uma análise centrada nas experiências e na observação participante, mesmo que esta não seja objetivo central da obra. Além disso, reconhecemos a literatura como recurso metodológico sendo capaz de contribuir para a formação do leitor crítico, tornando-o hábil para interpretar textos literários e articulá-los de forma coerente com o campo do saber histórico. Compreendemos também que o procedimento de leitura é muito mais do que realizar uma eficiente decodificação dos signos de um texto; é compreender seu contexto, relacioná-lo com seu cotidiano, criticá-lo segundo métodos definidos.

O projeto de extensão desenvolvido teve como meta dinamizar o ensino de história, ampliar possibilidades de ensino aprendizagem em História a partir da Literatura. Reconhecendo a diversidade cultural na sala de aula e as diferentes realidades vivenciadas no meio escolar, teve como objetivo diminuir a intolerância e preconceito no ambiente educativo, por meio da literatura indicada, abordando conceitos como: machismo, teocracia, feminismo, patriarcado, autoritarismo, resistência, LGBTQIA+fobia entre outros, estabelecendo uma alegoria com os acontecimentos da realidade brasileira, com o intuito de desenvolver a capacidade crítica e histórico-crítica dos estudantes, ao abordar temas latentes e sensíveis a sociedade brasileira contemporânea.

Ensino de história e literatura

Até o começo do século XX, a relação dos historiadores com a Literatura era de desconfiança, apegados à concepção de verdade factual que apenas a História poderia ter. No entanto, com a terceira geração dos Annales foi-se aceitando que a História possui também seu grau de subjetividade e que a partir dos indícios deixados nos artefatos é possível torná-los fontes e reconstruir uma narrativa que mais se aproxima da realidade, desenvolvendo assim o campo da História Cultural com a chamada “Nova História”, no qual vemos a relação história e literatura um pouco mais complexa do que a simples contraposição entre verdade factual e imaginação, quando a literatura, no limite, era apenas representação do imaginário, ou nos termos da história social mais ortodoxa, *perfumaria*.

Nas últimas três décadas do século XX também assistimos à crescente preocupação com o Ensino de História, a busca do aperfeiçoamento profissional, a criação de revistas e ampliação dos espaços específicos para debater sobre o Ensino de História como é o caso do Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História (1998), o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História (1993) e o mais recente a Associação Brasileira de Ensino de História (2007). E como aponta Santos:

A maioria dos trabalhos fez a relação entre a Literatura e o ensino de História buscando o aprimoramento do conhecimento histórico, com a exceção de alguns autores que pretenderam apenas fazer a análise teórica sobre a ligação da Literatura com a História, o que nos aponta a iniciativa da maioria dos professores em introduzir novas práticas de ensino (Santos, 2019, p.6)

A discussão da relação História e Literatura ultrapassou os muros acadêmicos e sua importância no ambiente escolar foi afirmada. É verdade que nesta relação de interdisciplinaridade das duas áreas, ainda prepondera o uso da literatura como fonte, reduzindo e exprimindo a narrativa abordada na obra, sendo na maioria das vezes obras literárias caracterizadas pelo gênero romance histórico, no qual os estudiosos impõe uma interpretação da narrativa descrita pelo autor a tornando um fato. Ainda que estas sejam iniciativas importantes, acreditamos que esse processo reduz o potencial de interpretação da literatura que não tem obrigação alguma em

descrever a realidade. Deste modo, a proposta do projeto de extensão considerou a literatura na sala de aula não apenas como uma fonte histórica, mas utilizou-se de um romance distópico como estratégia para a compreensão histórica tanto do passado distante, quanto do passado presente, tocando por meio da interpretação conjunta dos participantes do projeto, temas latentes e sensíveis que extrapolam o contexto de produção e o universo criado pela obra e tangenciam a malha social vivenciada atualmente.

É nesse sentido que nos preocupamos com o lugar da literatura não apenas dentro das pesquisas acadêmicas, mas também nas salas de aula. E dado a experiência dos estágios supervisionados enquanto docentes (orientador e orientanda, ambos considerando também suas experiências como estudantes da educação básica que já foram no passado, ensejamos a não apenas questionar a importância da literatura nas aulas de história, mas também contribuir para o estímulo à leitura para a ampliação da compreensão de mundo e desconstruir a visão corrente de que História é uma disciplina chata e que para ser aprovado basta decorar datas. E para os docentes uma contribuição de como podemos escapar das armadilhas do esquema tradicional quadripartite da organização dos conteúdos, uma provocação à necessidade de reformulação (ou da execução prática) dos currículos formativos referentes às licenciaturas, na intenção de promover a tríade pesquisa, ensino e extensão. Pois, como destaca Schmidt “A sala de aula não é apenas onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa. (SCHMIDT, 1997, p.57).

Desta maneira, ao propormos um diálogo com a literatura descortinamos a possibilidade de trabalhar com diversas linguagens, permitindo explorar variadas interpretações ao conectar a obra com seu contextos histórico, vivências do autor provocando inquietações entre o momento em que a obra foi escrita, suas condições históricas de produção e circulação despertando o interesse dos estudantes, que também participam do processo histórico que estudam. Corriqueiramente vemos duas formas de trabalhar com a literatura no ensino de história, como aponta Ruiz sendo a primeira “trabalhar a obra literária a partir do desenvolvimento de conceitos com os alunos (...) Tal método consiste em colocar a obra literária como uma

metáfora do mundo real, de onde poderemos retirar conceitos válidos para nossa realidade” a segunda é de “utilizar a obra como retrato do contexto histórico a que pertence.” (RUIZ, 2003, p.77-78). No entanto, devemos salientar a problemática de trabalhar dessa forma, pois, com um deslize é possível tornar a obra refém de uma visão única, fazendo com que a obra em questão exprime ideias que nunca teve a pretensão.

A representação da realidade no texto literário está intrinsecamente ligada à reflexão do escritor sobre o mundo e suas experiências, que só passa a ter sentido quando é interpretada pelos leitores. Dessa maneira, a literatura pode ser uma potente chave de leitura das mudanças da sociedade, que não desconsidera a imaginação e a construção criativa de temas e problemas enfrentados no dia a dia, bem como experiência de vida dos estudantes como agentes históricos capazes de reconhecer as influências do passado nas formas de percepção do presente e do presente nas formas de imaginar e reconstituir o passado.

Interpelar a literatura para entender a história do tempo presente

Muito se lê sobre os caminhos possíveis entre o ensino de história e a literatura utilizando-se de romances históricos nacionais que ambicionam ambientar-se em contextos históricos “reais”. Mas, pouco se fala sobre interpelar a literatura distópica nas aulas de história sem impor uma interpretação superior do educador de como instigar os alunos a imaginarem ao ponto de tangenciar alguns elementos com a sociedade brasileira. Esta foi a preocupação que acompanhou a execução desse projeto de extensão. É nessa perspectiva que buscamos fomentar a leitura entre os estudantes de educação básica incentivando-os a pensar historicamente a realidade em diálogo com o romance distópico “O Conto da Aia”, de Margaret Atwood, publicado em 1985, traduzido pela editora Marco Zero, atentando-se para as condições de produção, circulação, recepção e atribuição de sentido.

Tal proposta pode ser compreendida pela visão de Benjamin que vê a literatura como um caminho de interligação possível entre atingir e despertar um conhecimento do passado, por meio do real e do imaginário, ao se atentar ao contexto de produção que a obra está inserida é capaz de transformar a narrativa em uma imagem dialética a trazendo para o presente, possibilitando assim criar pontos de

interseção entre o real e o imaginário.⁴ A Literatura distópica constitui assim, como uma potente ferramenta de análise social, uma vez que visa causar um estranhamento nos leitores por meio de suas críticas às formas de governo, organização social, controle das massas e exclusão das minorias e se constrói a partir de uma narrativa pessimista do futuro para o qual estar-se-ia inevitavelmente rumando. Conforme sinaliza Trujillo (2016, p. 188), o universo apresentado nas distopias é concebido a partir da contraposição de duas narrativas: a do regime hegemônico e a da resistência a ele. A linguagem apresenta-se como um elemento importante na construção de tal oposição. Segundo a autora, o contraste entre uso social e antissocial da linguagem (o que pode ou não ser dito) a torna o principal meio de repressão e de resistência nas distopias. E de acordo com Benjamin, é nesse momento que a imagem dialética produzida por meio da análise da obra utilizando-se de processos literários nos permite historicizá-la, por meio da problematização, entre o falso e o factível.

Isso posto, vemos a literatura distópica como um caminho possível e como um exercício para pensar a sociedade que vivenciamos, podendo fornecer meios de pensamento crítico para refletir sobre o real. Para Booker, essas obras “revelam o parentesco muito próximo que há entre a crítica social contida nas ficções distópicas e a crítica cultural e social modernas.” o que nos possibilita analisá-las e procurar um ponto de interseção entre as “relações entre a ficção distópica e a evolução gradual da história moderna” (Booker, 1994, p. 21). Há na distopia vestígios de realidade que são afloradas por práticas negativas e ampliadas no sentido de fornecer caminhos para a construção de um pensamento crítico, quiçá, uma consciência histórica acerca da sociedade ao nosso entorno. Uma sociedade utópica “é próprio da dimensão histórica, a determinação da diferença entre a utopia e a distopia: o lugar feliz imaginado é realmente um não-lugar, no sentido em que não se coloca espacialmente na história mesma de quem escreve; porque aquilo que deseja o utopista é mostrar aos homens a imagem de um mundo feliz e racional” (BERRIEL, 2005, p.3), visando mudanças individuais e coletivas no presente instituído.

⁴ BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992
Frontería | vol. 4/2 | p. 77-98 | ago-dez. 2023.

A problematização da literatura é importante não apenas na historicização de sua narrativa, mas também na problematização das inquietações que o leitor tem na recepção da obra, na formação identitária, nas atribuições de sentido: os modos de ler, interpretar e representar o contexto sócio-político por meio de suas próprias regras dialogando com o falso e com a verdade, com o real e com a imaginário. A literatura distópica pode levar o leitor a refletir não só sobre o que existe - ou que existiu -, como também fazer uma projeção do que poderá vir a existir, registrando e interpretando o presente, reconstruindo o passado e inventando o futuro por meio de uma narrativa pautada no verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade a fim de construir uma narrativa mais próxima do real possível.

Foi com esta perspectiva que levamos um grupo de alunos da Escola Estadual Professor Vicente Lopes Perez da cidade de Monte Carmelo - MG, no contraturno às sexta-feiras a noite, acompanhados por seus professores de História (2), que exerceram a função de colaboradores, que acompanharam todo o processo de desenvolvimento das atividades propostas, como a aplicação e discussão de sentidos durante as oficinas, a reconhecer diferentes fontes históricas relacionadas a obra, identificando autoria, seu contexto de produção, tempo-espaço, personagens, possibilitando-os a reconhecerem diferentes linguagens, agentes sociais e contextos históricos mobilizados; comparar diferentes pontos de vista sobre as temáticas abordadas na narrativa ficcional com a realidade vivida, avaliando as aproximações e distanciamentos entre a ficção e a realidade, sistematizando os resultados de forma a expressar seus pontos de vista individual e coletivo em diferentes suporte/linguagem.

O projeto foi organizado em forma de aula-oficina⁵ pautado no formato de tertúlias dialógicas literárias para a construção coletiva de sentido e conhecimento baseado nas experiências dos participantes, potencializando uma abordagem direta nas quais os integrantes leem e debatem às várias temáticas que a obra aborda a partir das experiências pessoais que possibilitam a aproximação com a literatura. Assim, o programa da oficina foi estruturada em três tópicos: introdução ao Conto da Aia, na qual trabalhamos algumas

⁵ BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica.** Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

diferenças entre ficção e ficção especulativa associando a distopias, o contexto de produção e a recepção da obra; o enredo do qual enfocamos a construção dos personagens, a ambientação - espaço-tempo, os eventos narrados e os conflitos envolvidos na trama e por fim no terceiro tópico buscamos questionar e compreender o que a obra literária pode nos informar sobre (dar forma ao) o mundo em que vivemos, buscando fazer algumas correlações entre o fato e o factível. Sendo realizada em seis encontros presenciais na instituição parceira, o público alvo direto desse projeto consistiu em 20 estudantes matriculados no Ensino Médio.

Aprofundando a abordagem metodológica, diferente do estilo tradicional em que se enfoca nas tertúlias de obras clássicas, propomos a leitura do romance distópico de Margaret Atwood, - reconhecendo a sua qualidade e sua grande reflexão dos temas latentes e universais que preocupam a humanidade independente da cultura e da época, mas, que especialmente no Brasil Contemporâneo esses temas estão cada vez mais sensíveis, ensejando a construção coletiva de sentido e conhecimento baseado nas experiências coletivas e individuais dos alunos, potencializando uma abordagem direta, nas quais os alunos leem e debatem as várias temáticas a partir das experiências pessoais que possibilitaram a aproximação com a literatura. Buscamos portanto, analisar a enunciação desses afetos⁶ com outros discursos autoritários e antidemocráticos já vivenciados não só pelos brasileiros no passado, como tem ocorrido no presente e foram percebidos mediante a compreensão desses leitores que destacaram alguns pontos de semelhança com a realidade brasileira. No intuito de evidenciar a recepção da narrativa distópica em questão, e como os estudantes que compartilharam suas impressões em grupo relacionam a narrativa distópica com as configurações sociais de seu tempo, especialmente como relacionam a obra com os dilemas políticos brasileiros contemporâneos.

O Conto da Aia retrata uma sociedade totalitária chamada Gilead, que antigamente fazia parte dos Estados Unidos. Quem narra é a protagonista Offred, uma "Aia", uma mulher fértil designada para procriar em um mundo onde a fertilidade se tornou rara devido a problemas ambientais. A sociedade de Gilead é baseada em uma

⁶ CAMPELLO, Filipe. **A crítica dos Afetos**. Belo Horizonte: Autêntica. 2022.

interpretação extremista e distorcida de princípios religiosos, onde um governo teocrático controla todos os aspectos da vida. As mulheres são subjugadas, perdendo seus direitos e autonomia. Offred é forçada a servir a um Comandante e sua esposa, enfrentando uma rotina rigorosa e desumanizante. O diálogo com a narrativa permitiu que explorássemos temas como opressão, controle, feminismo e resistência, ao passo que Offred relembra sua vida antes da ascensão de Gilead, refletindo sobre as mudanças drásticas e traumáticas que ocorreram.

O suspense é mantido enquanto Offred tenta resistir silenciosamente ao regime, questionando sua própria identidade e buscando pequenos atos de rebeldia. A narrativa é contundente em sua abordagem dos extremos ideológicos, à subjugação das mulheres e aos perigos da mistura entre política e religião. A narrativa complexa e provocativa de Atwood desafia os leitores a refletirem sobre as implicações sociais e políticas, proporcionando uma visão perturbadora de um possível futuro distópico.

Ensino transversal e os temas sensíveis

Não é dos tempos atuais a problemática em torno da elaboração curricular na qual o corpo docente luta por diretrizes que abranjam a diversidade e a inclusão, além de terem uma maior liberdade para abordar temáticas previstas nas PCNs que sejam sensíveis. É neste viés que defendemos o ensino transversal nas aulas de História por meio de uma abordagem pedagógica que vise integrar diferentes temas e disciplinas, transcendendo as fronteiras tradicionais do currículo escolar. Assim, ao trabalhar com temas sensíveis, essa abordagem adquire um destaque maior, pois, permite uma análise mais delicada e contextualizada de questões, que muitas das vezes, são profundamente interligadas com a experiência social humana.

Segundo a definição de Gil e Eugénio, o tema sensível é "aquele carregado de ""questões quentes", "sensíveis" ou "difíceis", "vivas" ou "controversas", "socialmente vivas"" como também "cheio de emoções, politicamente sensível, intelectualmente complexa e importante para o presente e o futuro em comum" (GIL; EUGÊNIO, 2018, p.142), sejam explorados de maneira mais contundente, corroborando para o desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento de habilidades críticas, capacitando os estudantes analisar, questionar e

refletir sobre temáticas em diversos tempos históricos sob diferentes perspectivas, contribuindo para a formação cidadã consciente, capaz de torná-los agentes sociais de sua própria história.

A educação escolar vem enfrentando diversos desafios, principalmente quando o enfoque das aulas de História mencionam temas latentes como o cenário político diretamente. No retorno das aulas presenciais, muitos professores destacam os desafios que vem enfrentando devido às consequências de um ensino que não foi pensado para a maioria dos jovens durante o período pandêmico, os quais vêm apresentando grandes dificuldades na escrita, leitura e interpretação de texto.

Um dos principais objetivos do projeto de extensão era desenvolver uma metodologia para as aulas de História ficarem mais atraentes, sendo capaz de retratar temas latentes e sensíveis para a sociedade brasileira de modo que atingisse uma das problemáticas do ensino pós-pandêmico e contribuísse para amenizá-lo. Desenvolvemos, portanto, uma proposta que considerava a diversidade da sala de aula e as diferentes realidades vivenciadas no meio escolar e propunha atuar na diminuição da intolerância e preconceito no ambiente escolar, por meio do romance distópico, abordando conceitos como: machismo, teocracia, feminismo, patriarcado, autoritarismo, resistência, LGBTQIA+fobia entre outros, estabelecendo uma alegoria com os acontecimentos da realidade brasileira, com o intuito de desenvolver a capacidade crítica e histórico-crítica dos estudantes. E para melhor sistematizar o conhecimento compartilhado durante as tertúlias, propusemos ao final da última oficina uma produção livre de um documento que sintetizasse os processos de reflexão experimentados pelos cursistas durante a oficina, demonstrando sua capacidade de atribuir sentido à obra analisada.

A primeira aula-oficina pautou-se na apresentação do livro, cujo objetivo principal consistiu em trabalhar com fontes históricas de diversos tipos, identificando seu contexto de produção (tempo/espço/sujeito) e relacionando-as entre si a fim de compreender quando, onde e como a obra em questão foi produzida, ganhou notoriedade e como se faz presente nos dias atuais, reconhecendo, portanto, o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e dos diferentes contextos envolvidos em sua produção e circulação. A oficina foi realizada a partir da análise de fontes diversas que foram divididas entre os grupos de alunos, que

fizeram a leitura e em uma roda de conversa refletiram sobre o que leram e preencheram uma ficha crítica externa sobre os assuntos retratados. A execução deste Eixo da proposta superou as expectativas iniciais pretendidas, quando os estudantes foram além do indicado e buscaram relacionar a composição imagética das capas do livro, a influência do contexto de circulação com as traduções e até mesmo quais seriam as possíveis retratações por trás de capa edição da obra.

No segundo tópico da oficina, trabalhamos o enredo geral do romance distópico, em dois encontros objetivando compreender as diversas formas de organização social tramada, o espaço-tempo da narrativa, a construção dos personagens e como elaborou-se o território em questão. Novamente trabalhamos com grupos de alunos, os quais analisaram novas tipologias de fontes, as quais consistiram em excertos do livro e pequenos trechos da série televisiva, a fim de compreender de forma sucinta o enredo do livro para responder a segunda parte da ficha de análise crítica e para com que possamos ter uma base do que acontece na distopia e quais relações de interseção é possível fazer na realidade, temática que será melhor explorada no tópico três do projeto.

A terceira parte da oficina, precisou de algumas reorganizações metodológicas a fim de melhor expor um dos cerne do projeto - compreender qual é o sentido da obra atribuído por leitores brasileiros. É por meio dela que os alunos, a partir do conhecimento reunido das outras oficinas, elaboraram um quadro comparativo entre a ficção e a realidade vivida, a partir da seleção de algumas manchetes de jornais que julgavam fazer algum grau de semelhança com a sociedade brasileira, porém, foi percebido que havia uma associação maior com o passado brasileiro e com questões que tangem o fanatismo religioso no presente. O que corroborou na reestruturação dos próximos passos do projeto.

Durante a quarta oficina a proposta consistiu em debater alguns conceitos que tangem tanto a obra quanto a realidade brasileira contemporânea tais como: machismo, teocracia, feminismo, patriarcado, autoritarismo, resistência, LGBTQIA+fobia entre outros, a serem embasados de sentido por meio da construção de saberes ocorrida gradualmente durante as outras oficinas. Como havíamos sentido que as experiências pessoais dos integrantes pendiam mais para questões religiosas e sociais de um passado mais distante e

quando restavam experiências do passado recente tinham de dificuldade de fazer as relações passado-presente diretamente com o cenário político em que estavam inseridos, buscamos dinamizar os conceitos no intuito de montar um quadro semelhante a um de investigação criminal ligando o conceito ao seu significado e a partir dessa definição elencar um trecho do livro que melhor corresponde ao determinado conceito e posteriormente destacar um recorte de jornal brasileiro demarcado entre os anos de 2016 a 2023 que de alguma forma aproxima-se do conteúdo apresentado. Sendo as definições dos conceitos e as manchetes escolhidas previamente para que os alunos fossem levados a relacionar quais eram as melhores associações, a partir de conceitos que eles mesmo foram destacando durante as outras oficinas.

Na quinta e última oficina, antes da produção final livre sobre o sentido de *O Conto da Aia* para cada um, debatemos um pouco sobre a experiência e os conhecimentos adquiridos e correlacionados durante o período, foi notável que muitos participantes associaram a temática da obra às questões religiosas e de gênero, especialmente em relação ao contexto brasileiro.. Contudo, chamou a atenção que, nas fases iniciais das discussões, as questões políticas pareciam permanecer em segundo plano. Foi somente após a elaboração da quarta oficina que as discussões começaram a se voltar mais diretamente para as implicações políticas da narrativa. Posteriormente, ao relacionar as questões políticas, os participantes começaram a perceber conexões mais profundas entre os temas evocados pela ficção distópica e a realidade política brasileira. A análise crítica das estruturas políticas, o papel do fanatismo religioso e a imposição de valores morais na sociedade foram se tornando elementos mais evidentes nas discussões, revelando a riqueza da obra em provocar reflexões sobre a interseção entre política, religião e gênero.

Esse processo de evolução nas discussões demonstrou não apenas as potências da obra em revelar suas diversas camadas de significado ao longo do tempo, mas também ressaltou a importância de uma abordagem coletiva e colaborativa na interpretação de temas complexos. A experiência em grupo permitiu que os participantes enxergassem as interconexões entre as diferentes facetas da trama, destacando a profundidade da narrativa de Atwood e sua capacidade de provocar reflexões abrangentes sobre a sociedade e a política.

Ao final, conseguimos atingir a expectativa de uma leitura crítica da obra. As reflexões mais potentes envolviam o gênero feminino. E que a partir dessa proposta abrimos vários caminhos possíveis para que não apenas os alunos, mas os professores também comecem a expandir suas percepções entre as possibilidades de aprender História tendo a literatura distópica como aporte. A oficina constituiu uma experiência emocional e não apenas intelectual, proporcionada pela trama de "O Conto da Aia", permitindo a integração dessas temáticas sensíveis no ensino transversal. A diversidade de sentimentos vivenciados pelos participantes, como angústia, nojo, tristeza, desconforto, raiva e momentos breves de felicidade, destacam a potência da obra em despertar respostas emocionais profundas no ensino e aprendizagem de história.

Ao adotar uma abordagem transversal que explora esses sentimentos, tivemos a oportunidade de não apenas abordar as questões de gênero, religião e política presentes na obra, mas também de desenvolver habilidades socioemocionais essenciais nos alunos. A angústia e o nojo podem ser pontos de partida para discussões sobre empatia, respeito à diversidade e compreensão das diferentes realidades enfrentadas por grupos sociais específicos. A tristeza, raiva e desconforto podem ser canalizados para análises críticas das estruturas sociais e políticas, promovendo uma consciência mais aguçada sobre as injustiças presentes na sociedade. Esses sentimentos podem servir como catalisadores para ações transformadoras, inspirando os alunos a se envolverem em debates construtivos e iniciativas voltadas para a promoção da igualdade e dos direitos humanos. Os momentos breves de felicidade na narrativa, por sua vez, podem abrir espaço para discussões sobre resiliência, superação, resistência e a importância de pequenas vitórias em meio a circunstâncias adversas. Esses momentos oferecem uma perspectiva positiva, estimulando a esperança e a busca por mudanças positivas. Promovendo uma educação mais completa, preparando os alunos para enfrentar desafios complexos e contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Considerações finais

Com o desenvolvimento deste projeto de extensão pudemos compreender como os leitores constroem suas interpretações em

suas escritas, afetados pela trama construída pela autora. Afetos esses que são embebidos de memórias voluntárias e involuntárias e de rememorações e reflexão crítica do passado diante da experiência dos personagens e seus sentimentos semelhantes aos processos sociais negativos ocorridos em nossa sociedade, de forma direta ou indireta aqui entendida como um possível silenciamento da memória. Com a reflexão dos processos descritos nas atividades escritas propostas no final de cada encontro e do debate dos participantes na última oficina é possível afirmar que a evocação da Literatura nas aulas de história são potentes no processo de criação de consciência histórica, como uma forma de confrontar o esquecimento evitando a anulação dos vestígios do passado que permitem recompor a história sob outro ponto de vista.

Diferente de Gilead que vivia em um regime autoritário, vivemos em um país globalizado e democrático, mas o cenário no qual estamos inseridos nos permite aproximações com a distopia descrita e analisada neste artigo. Utilizando dos conceitos de região de Octávio Ianni⁷, tanto Gilead quanto o Brasil desfrutam da polarização e conflitos, entre raça, gênero e nação; casta e classe social; religião e política; militarismo e teocracia; xenofobia, racismo e preconceito, como uma maneira de separar ao máximo o povo a fim de construir um sistema, pautado em apenas uma parcela da população.

Uma das justificativas do “O Conto da Aia” ter repercutido tanto nos últimos anos são suas proximidades passíveis da realidade vivida pelos leitores com as narrativas de ficção científica, ou melhor dizendo, ficção especulativa como a própria autora denominou o gênero de seu romance tem o propósito de trazer essa inquietação para o leitor por meio de uma perspectiva futurista que nos assombra devido ao grau de semelhança com a sociedade em que estamos inseridos. No intuito de fazer uma reflexão sobre o contexto inserido e de provocar uma reflexão sobre quais ações são necessárias para subverter os mecanismos empregados como forma performativa dos discursos e dispositivos de poder instaurados pelo próprio estado, de forma a garantir a aceitação das regras por muitos indivíduos, ansiamos pela luta e pelo desejo de uma maior liberdade.

Deste modo, não é concebível fazer uma leitura suave da narrativa, isso se dá pelo léxico social construído na escrita que torna os

⁷ IANNI, Octávio. **Nacionalismo, regionalismo e globalismo**. Novos Rumos. Marília-SP, Unesp, n. 25 (11): (1996).

acontecimentos descritos em “símbolos sociais; isto é, transcendem sua natureza de sinais linguísticos e se tornam representantes de concepções, valores e tabus sociais, aos quais se atribui tudo, desde propriedades mágicas até funções morais ou ideológicas” (LARA, 2006, p.214). Assim, o léxico social permite que a fonte literária seja constituída e construtora de sentidos acerca da realidade. Ainda que não possamos dizer que a vivência das questões sociais brasileiras influenciaram na recepção d’O conto da Aia, é certo que a obra interferiu nas formas de perceber o mundo pelos leitores, interferiu na sua consciência histórica.

As narrativas distópicas não apenas permitem relacionar memória, história e sociedade, como abrem um novo campo de reflexão que requer a própria ampliação do conceito de memória social. Elas abrem um novo campo de reflexão que requer a própria ampliação do conceito: a memória do que já se viu revestida do que ainda apenas se especula, o que parece retomar o compromisso da literatura com a sociedade e o compromisso da própria arte com a memória social, que com a reflexão dos processos descritos nas obras é possível caminhar para o processo de criação de uma consciência histórica, uma vez que atrelado a esse movimento a questão do dever de memória, “o dever de não esquecer” que é uma forma de confrontar o esquecimento e, em decorrência, evitar a anulação dos rastros, dos vestígios do passado que permitem recompor a história sob outro ponto de vista.

Com a reflexão dos processos descritos nas obras é possível caminhar para o processo de criação de uma consciência histórica, uma vez que atrelado a esse movimento a questão do dever de memória, “o dever de não esquecer” que é uma forma de confrontar o esquecimento e, em decorrência, evitar a anulação dos rastros, dos vestígios do passado que permitem recompor a história sob outro ponto de vista. Pois em um país marcado por uma memória fraca sobre sua história, a atuação política de governantes autoritários, como o recente governo de Bolsonaro, fortalece a amnésia coletiva, como uma cosmovisão, portanto, que objetiva bloquear uma agenda e determinar uma forma de exercer o poder político. Tudo marcado por uma violência discursiva que não disfarça um autoritarismo calcado em ideologias fascistas, a pôr em risco o processo democrático.

Partindo dessa premissa, pretendeu-se especificamente levar os estudantes da educação básica a reconhecer diferentes fontes

históricas relacionadas à obra, identificando autoria, seu contexto de produção, tempo-espço, personagens, reconhecendo as diferentes linguagens, agentes sociais e contextos históricos mobilizados; comparar diferentes pontos de vista sobre as temáticas abordadas na obra; relacionar os acontecimentos, conceitos encontrados na narrativa ficcional com a realidade vivida, avaliando as aproximações e distanciamentos entre ficção e realidade, além de sistematizar os resultados encontrados, expressando seu ponto de vista em diferentes suportes/linguagens (cartazes, dissertações, desenhos, poemas, posts em redes sociais etc).

Assim, partir da realização das oficinas na escola, buscamos analisar a enunciação desses afetos com outros discursos autoritários e antidemocráticos já vivenciados não só pelos brasileiros no passado, como tem ocorrido no presente e foram percebidos mediante a compreensão desses leitores que destacaram alguns pontos de semelhança com a realidade brasileira. No intuito de analisar a recepção da narrativa distópica em questão, e como os estudantes que compartilharam suas impressões em grupo relacionam a narrativa distópica com as configurações sociais de seu tempo, especialmente como relacionam a obra com os dilemas políticos brasileiros contemporâneos, historicizando, portanto, a obra em questão.

Reconhecendo o potencial da literatura no ensino de História, como recurso metodológico na formação do leitor crítico, hábil para interpretar textos literários e articulá-los de forma coerente com o campo do saber histórico e com sua vida prática, compreendemos que a leitura é muito mais do que realizar uma eficiente decodificação dos signos de um texto; é compreender seu contexto, relacioná-lo com seu cotidiano, criticá-lo segundo métodos definidos. Tais questões trabalhadas neste projeto de extensão parecem ser o nó górdio da contexto das mudança recentes da educação básica brasileira, desde a Base Nacional Comum Curricular, na redução da carga horária da disciplina história no chamado Novo Ensino Médio, cujas disciplinas são divididas em 2 partes: uma carga horária obrigatória a todas as escolas e outra flexível.

Além disso, os resultados desse projeto revelam uma experiência literária profundamente impactante e provocativa ao explorar "O Conto da Aia" de Margaret Atwood. A autora, sem hesitação, retrata os acontecimentos de forma explícita, chegando a ser brutal, e não mede palavras para causar desconforto no leitor, evidenciando que

essa é a sua intenção primordial. A construção das ações de resistência na narrativa se destaca como um elemento intrigante. A autora habilmente delinea iniciativas de resistência, que, apesar de muitas vezes simples, carregam um significado poderoso para as personagens. A força dessas ações ressalta a importância da resistência, mesmo em contextos desafiadores e opressivos. A relevância da narrativa não se limita ao contexto brasileiro, abrangendo questões globais. O fundamentalismo religioso é uma temática destacada, onde a imposição da religião e seu uso como justificativa são observados tanto mundialmente quanto no cenário brasileiro.

A culpabilização da vítima, o machismo, a misoginia, a violência, o extremismo e o radicalismo são abordados de maneira visceral, proporcionando uma reflexão profunda sobre esses problemas sociais. Um ponto que merece especial atenção é a forma como a autora aborda aspectos e características da feminilidade. Com riqueza de detalhes, ela evidencia os problemas e dificuldades associados ao feminino. A narrativa apresenta cenas impactantes e perturbadoras, com o propósito claro de enfatizar a problemática subjacente ao tratamento das mulheres na sociedade. A obra também estabelece interseções com a realidade política brasileira, destacando o fanatismo religioso presente, como evidenciado no movimento fascista bolsonarista. Os argumentos religiosos utilizados para justificar decisões políticas remetem à estrutura de Gilead, ressaltando a relevância contemporânea da narrativa de Atwood.

Em conclusão, os resultados desse projeto revelam a potência e atualidade da obra, destacando sua capacidade de provocar reflexões críticas sobre temas sociais e políticos, além de ressaltar a importância da literatura como instrumento de conscientização e questionamento, além da capacidade da obra de mergulhar nas complexidades de temas sensíveis e contemporâneos. A exploração explícita e brutal dos acontecimentos é um convite para o leitor confrontar a realidade perturbadora e desafiadora que a autora propõe. Atwood, sem receio de causar desconforto, busca não apenas contar uma história, mas sim provocar uma análise crítica da sociedade e de suas estruturas. A construção das ações de resistência emerge como um fio condutor que transcende a ficção, tornando-se um espelho para iniciativas significativas na vida real. A autora habilmente retrata a importância desses atos de resistência, muitas vezes sutis, mas carregados de

significado para as personagens, representando a luta pela autonomia e dignidade. A abordagem de Atwood em relação à feminilidade revela uma profundidade de análise que vai além das superficialidades. A riqueza de detalhes nas descrições das experiências femininas evidencia os problemas e desafios intrínsecos a essas vivências.

A experiência enriquecedora de execução do projeto "Entre páginas e memória: O conto da Aia como possibilidade de ensino e aprendizagem em história" ao ser explorada no contexto do ensino transversal, ressalta a capacidade dessa abordagem de aprofundar a compreensão das temáticas sensíveis. A interseção entre religião, gênero e política, revelada pela obra, proporcionou uma base sólida para discussões multifacetadas, destacando a relevância de se abordar tais questões de forma holística.

Ao associar a narrativa com as discussões sobre religião e gênero no cenário brasileiro, os participantes do projeto puderam não apenas identificar situações que se assemelham com a realidade, mas também analisar criticamente as implicações sociais e políticas desses temas. A progressão nas discussões, com a política inicialmente em segundo plano e, posteriormente, ganhando destaque, ilustra como a obra pode ser utilizada para desdobrar camadas complexas de significado ao longo de uma abordagem transversal. Essa abordagem proporciona uma compreensão mais completa das questões abordadas pela obra, permitindo que os estudantes conectem elementos do enredo a contextos sociais, históricos e políticos mais amplos.

Assim, a conclusão é que o uso do ensino transversal, ao explorar as temáticas sensíveis presentes em "O Conto da Aia", não apenas enriquece a experiência educacional, mas também fomenta uma abordagem interdisciplinar que prepara os estudantes para enfrentar e compreender as complexidades do mundo com sensibilidade, empatia e pensamento crítico, como é proposto pela BNCC. Não podemos deixar de destacar também a importância da tríade ensino, pesquisa e extensão que representa um pilar fundamental na construção desse aprendizado, que não apenas fortalece a base acadêmica, mas também oferece uma abordagem holística para o desenvolvimento dos estudantes e a promoção do conhecimento, tornando possível que o projeto transcenda as barreiras tradicionais do ensino para a formação de cidadãos engajados, preparados para

enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo. Ao compartilhar as reflexões sobre esta experiência, esperamos inspirar outras propostas de ensino de história com a Literatura.

Referências:

- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco. 2017.
- BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação**. In: **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas . **Utopia, distopia e história** In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento 2, 2005, p. 4-10 In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento 2, 2005, (p.4-10).
- BOOKER, M. Keith. **Dystopian impulse in modern literature: fiction as social criticism**. Westport: Greenwood, 1994.
- CAMPELLO, Filipe. **A crítica dos Afetos**. Belo Horizonte: Autêntica. 2022.
- GIL, Carmem Zeli de Vargas; EUGÉNIO, Jonas Camargo. **Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas**. Revista História Hoje, p.139-159, vol. 7, nº 13, jun, 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/430/273>. Acesso em: 28 set. 2019.
- LARA, L. F. **Curso de lexicologia** . México: El Colegio de México, 2006.
- RUIZ, Rafael. **Novas formas de abordar o ensino de História**. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na Sala de Aula – conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SANTOS, Ademar Firmino dos e SIMON, Cristiano Biazzo. **A Literatura no Ensino de História: 30 Anos de Pesquisas** IN: Anais do VIII SEPECH – Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. Universidade Estadual de Londrina (Disponível em: [1 A LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA: 30 ANOS DE PESQUISAS. Ademar Firmino dos Santos \(Mestrando em Historia Social – UEL\) Cr](#)).
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997
- TRUJILLO, María Paulina Moreno. **El cuento de la criada, los símbolos y las mujeres en la narración distópica**. Escritos, Medellín: UPB, v. 24, n. 52, p. 185-211, jan./jun. de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/esupb/v24n52/v24n52a09>. Acesso em 22 jan. 2020.

Recebido em: 15 de Janeiro de 2024

Aceito em: 25 de Abril de 2024